

terra em transe

TRÊS ANOS DEPOIS DO IMPACTO DE DEUS E O DIABO NA TERRA DO SOL E DAS POLÊMICAS CRIADAS POR UM LIVRO RADICAL, REVISÃO CRÍTICA DO CINEMA BRASILEIRO, GLAUBER ROCHA TERMINA TERRA EM TRANSE. NESTE INTERVALO ELE RODOU DOIS CURTAS-METRAGENS — AMAZONAS E MARANHÃO —, PUBLICOU NOVOS ARTIGOS E ESCREVEU AS 700 PÁGINAS DE ROTEIRO DE TERRA EM TRANSE.

GLAUBER ROCHA FALA A ARTES SOBRE O SEU NOVO TRABALHO

artes:- Pelo que se entrevê do roteiro, seu novo filme não se passa no Brasil, mas num país imaginário. Por quê?

G. ROCHA:- Situei o filme no país interior de Eldorado porque me interessava o problema geral do transe latino e não do brasileiro, em particular. É a consciência do barravento, que significa momento de transformação. Antes do Barravento existe o "Transe". Depois de Deus e o Diabo, isto é, das dúvidas metafísicas, chegam as dúvidas políticas. Somente depois das crises morais o homem está preparado para a lucidez. Isto não é filosofia. É uma explicação do que é e por que Transe. E Transe é também a "crise em violência". Entre o Som e a Fúria, este momento entre o Som e a Fúria é o Transe.

artes:- Mas este roteiro maço e preciso não prejudica a improvisação, que você defende?

G. ROCHA:- Não mudei de idéia: uma câmera na mão, um sentimento na cabeça. Os diálogos, a vida íntima dos personagens, as paixões dos personagens, as carnes dos personagens. Depois podemos improvisar à vontade, recriando o mundo, a atmosfera e os sentimentos. Nunca sei onde vai ficar a câmera, mesmo um minuto antes de filmar a cena. O cinema vem do ator, do ar, da luz, dos cenários, do humor da equipe, da alegria ou da tristeza, do cansaço ou da disposição. O cinema é como a vida, uma cena tem "alma", não é produto da técnica, embora a técnica seja fundamental.

artes:- Você diz que depois das dúvidas metafísicas, chegam as dúvidas políticas. Quer dizer que o seu filme é político?

G. ROCHA:- Terra em Transe é um filme "sobre política e é um filme "político", na medida em que todas as obras atentas ao tempo em que vivem são "políticas". Mas Terra em Transe não pretende ser a "filosofia da política" porque esta não é minha função. Atendo somente à minha consciência. Não digo mensagens, pois não sou professor: meu filme é um espetáculo sobre os problemas morais da política, e um espetáculo sobre os movimentos políticos.

artes:- Você reconheceu influências diversas em Deus e o Diabo na Terra do Sol. Estas influências persistem em Terra em Transe ou foram superadas?

G. ROCHA:- Recuso, de antemão, qualquer influência seja de Buñuel, seja de Fellini, seja de Godard, seja de quem for. Se em Deus e o Diabo havia "influências", quero deixar bem claro que Terra em Transe é um filme meu, individual, sem referências abertas e sem qualquer macaqueamento. Se admiro Buñuel e Godard, assim como Welles e Hawks, isto não implica em submissão intelectual. Respeito, isto sim, as grandes lições. E como o cinema é uma linguagem em constante desenvolvimento, não posso deixar de usar certos métodos que me foram ensinados pelos grandes cineastas. Mas os aplico à minha maneira.

artes:- Mas Terra em Transe mistura realidade e ficção. Isto lembra muita gente, principalmente Fellini e Buñuel.

G. ROCHA:- A fantasia não é uma exclusividade de Fellini (de quem aliás eu não gosto) nem de Buñuel. Em O Pátio, meu primeiro filme-experimental, usei a fantasia como meio de expressão. Não me interessa por regras culturais. Estética é como o câncer. Ninguém conhece suas verdadeiras origens. E para a beleza não existe remédio, a não ser a má-fé e a insensibilidade. Remédios que falham, como no caso de câncer.

artes:- Pode definir os temas de Terra em Transe?

G. ROCHA:- Posso definir seu ritmo. O ritmo dos golpes baixos, da covardia, da indignação, da raiva, da coragem, da morte, do pensamento, do passado, das

cavalgadas épicas, dos delírios personalistas, das valas alegres, das rupturas, das despedidas, do mergulho em outros infernos, das comemorações de novas amizades, das campanhas políticas, das agitações políticas, das decisões políticas, das frustrações políticas, e novamente a indignação, a procura, a ruptura, o romantismo, o retorno ao ritmo das cidades, das festas, do amor, do erotismo, da perdição, das manhãs que se repetem, do tédio, da terrível dor de existir, da criação poética e outra vez o retorno ao antigo amor, da resistência, da consciência, da responsabilidade, da verdade, dos perigos, das decisões mais graves, da agitação, da denúncia, das guerras de idéias, dos acenos da corrupção, das acusações, das paixões em pânico, das lutas corporais, do desespero, da dúvida, do povo na praça, do subconsciente de uma nação que se agita como vulcões, da histeria, do êxtase, da conspiração, do suicídio, da exaltação, da entrega, da coragem, da luta, da subida ao poder, da morte que ronda o poder, do amor, da beleza, da justiça, dos ciclos trágicos que se completam, da terra, do transe.

artes:- Tudo, então?

G. ROCHA:- Não tenho pretensões de fazer "grandes filmes". Viso a todas as camadas do público. Se meus filmes são às vezes herméticos, reconheço que é falta minha. Mas só me sentirei bem com o cinema no dia em que, sem fazer concessões à pornografia e ao mau gosto, conseguir atingir o público. E com uma linguagem nova. Este é o meu objetivo.

artes:- Terra em Transe mobilizou muita gente. Quanto tempo demoraram as filmagens?

G. ROCHA:- Seis meses, entre o início da filmagem e a primeira cópia. É um tempo recorde para filmagens no Brasil. Encontramos dificuldades que foram superadas com o tempo, devido ao plano de trabalho traçado por Zelito Viana. Em primeiro lugar, devíamos criar um novo país, Eldorado, estilizando cenários existentes no Rio. Paulo Gil Soares (autor premiado de Memória do Cangaco) foi chamado para resolver este problema. Depois de uma semana de procuras intensas, Paulo Gil descobriu os locais: arquitetura dos anos 30, arquitetura colonial, interiores estilo "ópera". Depois decidimos dividir o país em "campos" (Alecrim) e "praias" (Eldorado). Com esta divisão e estilizando a cenografia, conseguimos dois grandes "palcos" para o drama: o palácio do Governador Vieira (José Lewgoy) em Alecrim, e o Palácio do Senador Diaz (Paulo Autran) em Eldorado. Assim, a filmagem se tornou fácil, embora o filme tenha um aspecto de superprodução. Cerca de duas mil pessoas foram mobilizadas para os trabalhos, a começar pelos extras: camponeses, escolas de samba, todos os representantes do povo, enfim, estiveram representados em Terra em Transe.

artes:- Quanto custou Terra em Transe?

G. ROCHA:- Custou o preço do cinema brasileiro. Zelito Viana, o diretor de produção, inaugurou um estilo de trabalho

que nos permite filmar em seis meses. Fizemos um filme sem economias, mas também sem gastos supérfluos. Tentamos conciliar a produção independente com o nível industrial.

artes:- E o cinema-novo? Está indo ou continua o mesmo?

G. ROCHA:- Acho que o cinema brasileiro, e particularmente o cinema novo, está evoluindo bastante. Menino do Engenho, A Grande Cidade, Matraca, O Desafio, O Padre e a Móça, O Justiciero (novo filme de Nelson), Garôta de Ipanema (próximo filme de Leon Hirschman), O Caso dos Irmãos Neves (último filme de Sérgio Person) são provas que o cinema novo evoluiu. Terra em Transe faz parte deste movimento que lançará, breve, um novo diretor, Gustavo Dahl, no filme Os Bravos Guerreiros. Faço parte deste grupo, debate idéias, acredito num cinema de autor, embora ache que ser autor "não é se afastar do público e fazer obras íntimas e abstratas". Ser autor é estar com o público. Mas estar com o público não é estar com o palavrão na boca. O cinema novo, como a música nova, como o teatro novo, é a arte do futuro brasileiro. É o cinema que está tentando contribuir para que chegue logo este futuro.